



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

O DOCENTE UNIVERSITÁRIO E O ESTÍMULO À CRIATIVIDADE DOS ALUNOS EM SALA DE AULA

Luciana Amado de Menezes Medrado*
(UESB)

RESUMO

Este artigo trata da necessidade do docente universitário em promover a expressão criativa dentro do contexto de sua disciplina, tentando manter um clima favorável ao desenvolvimento do potencial criativo de seus alunos através de comportamentos apontados como estimuladores da criatividade. Trabalhando as necessidades dos discentes e esforçando-se para coibir atitudes inibidoras da criatividade, tanto por parte do próprio professor quanto da instituição de ensino, poderemos pensar na formação dos alunos como profissionais criativos e que estejam realmente preparados para enfrentar desafios e alcançar sucesso dentro de um mercado de trabalho cada vez mais exigente.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Criatividade. Formação profissional.

INTRODUÇÃO

Estamos vivenciando uma grande mudança na exigência do mercado de trabalho para o profissional do século XXI. Globalização, concorrência acirrada e mudanças tecnológicas em alta velocidade são alguns dos elementos que tornam o dia-a-dia nas organizações um desafio constante.

Hoje, as empresas necessitam de trabalhadores com habilidades múltiplas, que identifiquem e resolvam problemas. Segundo Zanella (2004, p.01), "(...) a demanda da sociedade capitalista, no que se refere ao mercado de trabalho, incide

* Graduada em Administração de Empresas pela Universidade Católica de Salvador (UCSAL), Especialista em Docência do Ensino Superior pela Universidade Salvador (UNIFACS). Faculdade Montessoriano de Salvador. E-mail: lucianaamado2@yahoo.com.br.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

sobre sujeitos criativos, polivalentes, capazes de trabalhar em equipe e com iniciativa”.

Dentro da visão moderna de trabalho organizacional, observa-se uma necessidade crescente do desenvolvimento da flexibilidade e do pensamento criativo das pessoas, orientado para obtenção de resultados positivos para a empresa. “Espera-se do profissional, hoje, que ele esteja em primeiro lugar motivado (...), em segundo vem a criatividade. Não dá mais para se executar a mesma tarefa sempre da mesma forma, é preciso ir além” Cardoso (2005, p.03).

Duarte & Arqueles (2005) consideram que, nos procedimentos de recrutamento e seleção de pessoal existentes no mercado de trabalho atual, existe certo descrédito nas competências profissionais atestadas pelos diplomas acadêmicos. Além desses, é de praxe a exigência de experiência profissional comprovada na área específica de contratação, a fim de que seja assegurada ao contratador a habilidade criativa para identificar problemas e solucioná-los, levantando propostas e alternativas inovadoras para a organização. Desta forma, o mercado de trabalho prioriza a experiência e o perfil do candidato, optando por adaptá-los à cultura da empresa e complementando-os quando necessário com conhecimentos relativos à função a ser exercida.

Segundo os autores, o desmerecimento do mercado de trabalho ao saber adquirido nas universidades fundamenta-se na experiência de formação dos alunos durante sua permanência nas instituições de ensino. Sabemos que, mesmo contando com cursos que levam de quatro a cinco anos para concluir a formação dos seus alunos, na maioria das faculdades e universidades, pouquíssimas vezes os alunos se deparam com professores que levem o conhecimento de forma a despertar nos jovens alunos o senso crítico e a expressão criativa em relação ao tema estudado, durante a vivência nas dezenas de disciplinas que compõem a grade curricular. Duarte & Arqueles (2005, p. 01) citam com propriedade que “o encontro de uma relação pedagógica que conduza os educadores e os acadêmicos



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

para um contexto de aprendizagem inovador e criativo é um dos grandes desafios da universidade neste final de milênio”.

As instituições de ensino superior, responsáveis pela formação dos profissionais que são lançados no mercado de trabalho, reconhecem a necessidade de preparar o aluno para o presente cenário, onde a capacidade de pensar com criatividade e solucionar novos problemas ocupa um lugar central. No entanto, ainda existem muitas falhas no que diz respeito à promoção da criatividade no ambiente de sala de aula. Não é raro a universidade desencorajar a expressão da criatividade no seu alunado, seja por comportamentos inibidores por parte dos professores, seja pelo ambiente desestimulador da instituição. A facilitação da criatividade está intimamente ligada a um ambiente estimulador, de tal forma que, quanto mais acolhedor e encorajador for o ambiente, melhores serão as respostas dos seus ocupantes.

Condenando o processo cada vez mais conteudista de se ensinar nos centros universitários, Paulovich (1993:565) *apud* Alencar & Fleith (2003, p.02), fala que “Estudantes ansiosos por notas são forçados a memorizar e regurgitar um volume incrível de fatos em um ritmo que impede mesmo o mais entusiasta de refletir sobre o material ensinado ou ser intelectualmente estimulado”.

Também Alencar (2002) aponta a prevalência de uma cultura de aprendizagem nas instituições de ensino superior que, através de práticas desestimulantes e avaliações mal formuladas, estabelece limites muito abaixo das possibilidades praticamente ilimitadas do potencial para criar do ser humano. Comungando com a mesma linha de pensamento de Alencar, Rosas (1985:122) *apud* Alencar & Fleith (2003, p.02) ressalta que “é no terceiro grau onde menos se fala e pensa em criatividade. Excetuando-se as escolas e/ou departamentos de artes, parece que os demais professores têm muito mais o que fazer do que se preocupar com a imaginação, fantasia e criação”.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Através de metodologias que despertem e estimulem o pensar crítico e criativo, e de uma conduta em sala de aula que fomente o desejo de participação, os educadores podem transformar os conteúdos de suas disciplinas, de simples informações a serem transmitidas para vivências a serem contextualizadas.

Os conceitos de criatividade vêm sendo discutidos há muito tempo. Há varias definições, algumas levando em consideração os aspectos sociais, outras, os psicológicos, e, recentemente, algumas tentativas para conceituar a criação têm surgido das ciências cognitivas.

Suchman (1981), Stein (1974), Anderson (1965), Torrance (1965) e Alencar (1993), citam várias definições. Para Stein e Anderson, criatividade é o processo para a concepção de algo novo, único e original a fim de atender a uma necessidade. Suchman utiliza a expressão “pensamento criativo”, que deve ser caracterizado pela autonomia e pelo direcionamento para a produção de algo inovador.

Para Zanella et al (2003, p.03) a interpretação do que é criativo, bem como a explicação do ato de criação, depende do ambiente sócio-cultural em que o indivíduo está inserido. O desenvolvimento da criatividade dependerá diretamente de estímulos que essa pessoa possa ter no seu ambiente.

Todas as definições acima consideram a criatividade como livre processo de expansão do pensamento para se chegar a soluções inovadoras. Estas definições sustentam a necessidade de se abrir a sala de aula para a prática criativa, a fim de possibilitar ao aluno o contato com o estímulo da expressão criativa, inserindo-o no processo de ensino, deixando para trás a figura de apatia, conformismo e empobrecimento do produto final das salas de graduação.

Independente de como os autores conceituem criatividade, nota-se que todos concordam que o processo criativo depende de condições que o favoreçam. Desta forma, pode-se concluir que o contexto no qual a aprendizagem ocorre deve, necessariamente, promover a criatividade e o professor é considerado o maior



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

responsável pelo desenvolvimento e manutenção do clima que possibilita a livre expressão criativa dos alunos.

O modelo de ensino tradicional, centrado unicamente na transmissão de conhecimento tem recebido muitas críticas e a prática pedagógica vem sendo considerada, atualmente, como fator diferencial para o docente que deseja despertar em seus alunos um espírito crítico e criativo.

Torezan (1994) *apud* Stacciarini & Esperidião (1999) afirma que, admitindo o conhecimento como algo inacabado e processual, não se pode compreender o ensino como uma seqüência de ações padronizadas com finalidade de transmitir informações, caracterizando-o como simples processo de disseminação de informações a respeito de um conteúdo fixo e distribuído ao longo do tempo. Afirma ainda, que esta concepção de ensino sugere que os educadores não compreendem plenamente o papel de mediador que desempenham na construção de conhecimento do aprendiz.

O ensino, no contexto de uma sala de aula onde a livre expressão criativa seja permitida, vai ao sentido oposto ao do método tradicional. Deve existir uma parceria entre aluno e professor; desde a construção da aula a partir das reais necessidades e vivências dos discentes, o processar da aula, com a participação ativa dos alunos através de críticas, relatos e discussões, e o método avaliativo que visa redirecionar o aluno a partir da identificação de suas dificuldades e evolução no aprendizado. O professor deve provocar no aluno o debate e a análise dos assuntos trabalhados em sala, estimulando seu lado criativo e espontâneo, para que ele repense conceitos, desconstruindo e ampliando idéias de maneira a organizá-las de forma única e original.

É nesse momento que o professor pode ser o grande estimulador da criatividade de seus alunos, quando se utilizar das técnicas citadas para trazer para sua aula as opiniões, as observações, as análises e as idéias do aluno, sem cobranças ou menosprezo a essas intervenções, propiciando que o aluno sinta que



MUSEU PEDAGÓGICO

ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

existe nele um potencial que pode ser mais bem explorado pelo professor (e por ele mesmo) e que ele pode contribuir para a aula em questão. Paralelamente, as utilizações das práticas citadas trazem ainda para os alunos a possibilidade de trabalhar os aspectos sociais do “estar em sala de aula”, como convivência, trabalho em equipe, respeito, cidadania e ética, e o professor, como modelo de exemplo para seus alunos, tem participação ativa na formação pessoal de cada educando.

Stacciarini & Esperidião (1999) citando Haddad et al. (1993) consideram que ensinar é facilitar a aprendizagem, criando condições para que o outro, a partir dele próprio aprenda e cresça. Acrescentam que, nesta modalidade de ensino, o indivíduo é o centro da aprendizagem que se processa em função do desenvolvimento e interesse do aluno. Coloca-se assim uma ênfase nas relações interpessoais e no crescimento pessoal que delas resultam.

O ambiente de sala de aula tem um papel extremamente importante no desenvolvimento da expressão criativa. A sala transforma-se no laboratório onde se pode fazer aflorar ou coibir definitivamente o potencial de criar dos alunos. Para Amabile (2001) *apud* Alencar & Fleith (2005) o ambiente deve favorecer o desenvolvimento de motivações, atitudes e habilidades e criar oportunidades de aprendizagem criativa e envolvimento com tarefas desafiadoras.

Amabile (1989, 1996) *apud* Fleith & Alencar (2005) sugere algumas atitudes significativas por parte do professor para manter a criatividade viva no processo de ensino-aprendizagem:

- feedback construtivo e significativo;
- envolver os alunos na avaliação do próprio trabalho e na aprendizagem através dos próprios erros;
- dar aos alunos possibilidade de escolha;
- enfatizar cooperação ao invés de competição;
- prover a sala de aula com material diversificado e abundante;



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

- prover oportunidades de experiências de aprendizagem próximas às da vida real;
- encorajar os alunos a compartilhar seus interesses, experiências, idéias e materiais em sala de aula;
- prover um ambiente de aprendizagem que seja percebido como importante e divertido.

Alencar (2005), em seu estudo para construir e validar uma escala sobre o clima para a criatividade em sala de aula aponta os seguintes fatores que contribuem para a expressão ou inibição da criatividade:

- Suporte da professora à expressão de idéias do;
- Auto percepção do aluno em relação à criatividade, reconhecendo seu papel na construção e enriquecimento da aula, a partir de sua participação;
- Interesse do aluno pela aprendizagem, através da atitude motivadora do professor;
- Autonomia do aluno em relação ao processo de aprendizagem e de expressão criativa.

Para a autora, o ambiente pode promover a produção de algo novo, bem como sua aceitação, se os interesses e curiosidades dos alunos forem estimulados. Um ambiente estimulador da criatividade oferece escolhas, caracterizando-se pela aceitação de idéias diferentes, com foco na autoconfiança e habilidades dos alunos. Já um ambiente inibidor da criatividade ignora novas ideias, têm professores controladores, erros não são permitidos e regras em excesso são supervalorizadas.

Neste contexto, o professor aparece como principal responsável pela condução dos alunos e dele mesmo para a expressão criativa em sala de aula. Estudos conduzidos por Alencar (1997) sobre o estímulo à criatividade no contexto universitário e Alencar, Collares, Dias e Julião (1993) sobre os efeitos a curto e médio prazo de um programa de treinamento de criatividade em estudantes do ensino do segundo grau indicaram que a criatividade é pouco incentivada pelos professores, de acordo com a percepção dos alunos (tanto de



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

nível universitário quanto de segundo grau). Em outra pesquisa realizada por Alencar (2000) sobre o professor facilitador e inibidor da criatividade, realizada com universitários da rede pública de ensino, ficou claro que a maneira positiva e estimuladora como o docente se relaciona com os estudantes em sala de aula e fora dela, os métodos de ensino, seu conhecimento e interesse em relação à matéria são fatores fundamentais para o desenvolvimento da expressão criativa do alunado. Tal como apontam Alencar & Martinez (1998) *apud* Santeiro et al. (2004), o professor tem um papel multiplicador de atitudes em sala de aula junto aos alunos. É importante que ele, mediante os recursos que utiliza cotidianamente, propicie aos aprendizes um clima favorável à manifestação dos eventuais potenciais criativos ali existentes.

Embora estejamos focando o professor como peça fundamental para ajudar o aluno a desenvolver seu potencial criativo, não podemos deixar de ressaltar que existem outros elementos que influenciam seu trabalho em sala de aula. A natureza do conteúdo da disciplina (que pode se constituir em algo difícil de ser entendido e assimilado), o número de alunos em sala (pois quanto mais alunos, menos se consegue um acompanhamento satisfatório da aprendizagem) e a motivação dos mesmos causam impacto no desenvolvimento da criatividade no processo de ensino-aprendizagem. Mas, a depender do senso de comprometimento do professor, até essas variáveis podem ser contornadas. O professor pode, através de diversas técnicas e ferramentas que estão mais facilmente hoje à disposição do docente, tornar o conteúdo mais acessível e mais “gostoso” de ser trabalhado. Se a quantidade de alunos em sala não for adequada para um acompanhamento mais individualizado, o professor pode se utilizar da “escrita reflexiva dos alunos” para ter idéia da visão do aluno sobre o decorrer da disciplina e de seu desenvolvimento. Todas essas atitudes influenciam diretamente na motivação dos alunos pela aprendizagem.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Durante muito tempo alimentou-se nas instituições de ensino, e particularmente nas de ensino superior, a cultura do exame, tratando-o com a nomenclatura de “avaliação da aprendizagem”. E, infelizmente, esta ainda é a realidade na grande maioria das universidades brasileiras. Mas os exames não ajudam a aprender. Eles são, por si só, classificatórios e excludentes, pois rotulam os alunos em aprovados ou reprovados, independente dos motivos que provocaram a reprovação ou se eles possuem a capacidade de se recuperarem e alcançarem o aprendizado posteriormente. Na maioria das vezes o ato de “avaliar” torna-se pontual, classificatório, seletivo, estático e antidemocrático, fundamentando uma prática pedagógica autoritária e inibindo o potencial criativo dos alunos, através do medo da reprovação e do castigo, caso o aluno expresse um pensamento contrário ao da resposta pronta esperada pelo professor, pois os docentes costumam aplicar exames de caráter policialesco, premiador, esmagador e julgador.

Diante do posicionamento de especialistas na área da educação como Passos e Luckesi, podemos dizer que a avaliação é um processo regulador da aprendizagem, diagnóstico, contínuo e dinâmico, pois admite que o educando não possui um determinado conhecimento ou habilidade aqui e agora, mas depois de receber determinados cuidados poderá apresentar o conhecimento e a habilidade esperada. O docente diagnostica a situação para melhorá-la a partir de novas decisões pedagógicas, o que permite ao aluno tomar consciência da própria evolução e ao educador planejar e gerir as estratégias de ensino/aprendizagem.

A avaliação pode ser considerada como um instrumento de socialização a partir da inclusão do indivíduo no contexto da sala de aula, através da constatação do aprendizado. Para isso, o professor deve considerar todos os alunos como potencialmente capazes, independente de suas dificuldades e diferenças.

Luckesi (2003) apresenta seu entendimento acerca de avaliação como o ato pelo qual qualificamos a realidade, diagnosticando a situação do aluno dentro dos



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

objetivos esperados pelo professor e pelo próprio aluno. A partir de dados relevantes, colocados pelo próprio aluno e outros observados pelo professor no decorrer das aulas, é possível uma tomada de decisão sobre o que está ocorrendo na perspectiva de proceder uma intervenção e melhorar os resultados dessa situação. O autor nos propõe, antes de tudo, uma mudança nos docentes para uma conduta de avaliação que priorize aspectos como o crescimento do ser em formação, através das aprendizagens realmente necessárias ao desempenho pessoal e profissional. Nesta obra, ele nos apresenta uma proposta de prática construtiva de avaliação da aprendizagem onde o professor:

- 1 – objetive diagnosticar, através da avaliação, a situação de aprendizagem do educando;
- 2 – admita a avaliação como diagnóstica e processual onde os resultados são provisórios;
- 3 – entenda a avaliação como um processo dinâmico;
- 4 – aplique a avaliação de forma a não excluir o educando, mas subsidie a busca de meios pelos quais todos possam aprender aquilo que é necessário para o seu próprio desenvolvimento;
- 5 – exerça uma prática pedagógica democrática e dialógica a partir da consciência de que a avaliação está a serviço de.

Os instrumentos de coleta de dados para a avaliação podem ser todos os já existentes e utilizados, tais como testes, questionários com perguntas abertas e fechadas, fichas de observação, redações, monografias, argüição oral, tarefas, pesquisas bibliográficas, relatórios de atividades, seminários e apresentações públicas (assim como outros que podem ser inventados pelo avaliador), desde que se observe se são adequados aos objetivos e se apresentam as qualidades mínimas e satisfatórias para coletar o que seja realmente relevante, além de permitir a livre expressão do pensamento do aluno, favorecendo e estimulando sua criatividade.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

CONCLUSÕES

Este artigo trata da necessidade do docente em promover a expressão criativa dentro do contexto de sua disciplina, tentando manter um clima favorável ao desenvolvimento do potencial criativo de seus alunos através de comportamentos apontados como estimuladores da criatividade. Não se pode mais pensar em Universidade como sendo apenas uma máquina para jogar conteúdo nas mentes dos alunos, sem estimular neles o pensar crítico, a capacidade de discutir os temas estudados e de propor novas formas de expor os conceitos vistos durante as aulas, preparando o aluno para ser um profissional capaz de atuar com criatividade em um mercado cada vez mais competitivo e exigente. E essa é uma tarefa que deve ser abraçada com coragem e disposição pelos professores, pois cada vez mais os alunos demonstram a necessidade de mudar a imagem do professor tradicional, conteudista e autoritário para a de um docente mais próximo de seus alunos, interessado por suas opiniões e idéias, motivador, encorajador.

O maior prêmio é a certeza de que a aula caminhará pelo imprevisto, podendo aparecer idéias que o professor sequer cogita e que, certamente poderão acrescentar no aprendizado de todos em sala. E o docente será lembrado pelos alunos como alguém que ouviu e respeitou suas opiniões, estimulando a livre expressão e colaborando para que, através do desenvolvimento do senso crítico, pudessem compreender e participar, sem apatia, do mundo que os cerca.

Aspectos do processo ensino-aprendizagem, ambiente escolar e formação do professor merecem ser revistos, de forma a implementar práticas encorajadoras da criatividade no contexto universitário. O objetivo deste artigo não foi o de lançar metodologias e receitas mágicas para transformar o docente em um herói perante seus alunos, mas despertar nele uma análise criteriosa de seu desempenho em sala de aula, de como a educação formal precisa acontecer e de



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

seu papel como agente formador e transformador de profissionais lançados aos leões em um mercado de trabalho cada vez mais impiedoso.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice M.L. Soriano. O estímulo à criatividade em programa de pós-graduação segundo seus estudantes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Brasília, Vol 15(1), 2002, pp. 63-70. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n1/a08v15n1.pdf>> Acesso em: Agosto de 2005.

ALENCAR, E.M.L.S. et al. Efeitos a curto e médio prazos de um programa de treinamento de criatividade em estudantes do ensino de segundo grau. In: XXIII REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA, 1993, Ribeirão Preto. Resumos da XXIII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, Ribeirão Preto, 1993.

DIAS, T.L.; ENUMO, S.R.F.; JUNIOR, R.R.A. Influências de um programa de criatividade no desempenho cognitivo e acadêmico de alunos com dificuldade de aprendizagem. *Psicologia em Estudo*, Maringá, V. 9, n. 3, p. 429-437, set./dez, 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n3/v9n3a10.pdf>. Acesso em: Dezembro de 2005.

FLEITH, Denise de Souza; ALENCAR, Eunice M.L. Soriano. Escala sobre o clima para criatividade em sala de aula. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 21, n. 1, Jan-Abr 2005, pp. 085-091. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v21n1/a12v21n1.pdf>. Acesso em: Agosto de 2005.

FLEITH, Denise de Souza; ALENCAR, Eunice M.L. Soriano. Contribuições teóricas recentes ao estudo da criatividade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 19 n. 1, Jan-Abr 2003, pp. 001-008. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v19n1/a02v19n1.pdf>. Acesso em: Agosto de 2005.

FLEITH, Denise de Souza; ALENCAR, Eunice M.L. Soriano. Inventário de práticas docentes que favorecem a criatividade no ensino superior. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, Vol.17, no.1, 2004. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279722004000100013. Acesso em: Agosto de 2005.

LUBISCO, N.M.L.; VIEIRA, S.C.; SANTANA, I.V. Manual de estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses. 4. ed. rev. e ampl. . Salvador: EDUFBA, 2008.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando a prática. 1ª ed. Salvador: Malabares Comunicação e Eventos, 2003.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

SANTEIRO, T.V.;SANTEIRO, F.R.M.; ANDRADE, I.R. Professor facilitador e inibidor da criatividade segundo universitários.Psicologia em Estudo, Maringá, Vol.9 no.1, Jan-Abr, 2004. Disponível em

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722004000100012&script=sci_arttext)

[73722004000100012&script=sci_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722004000100012&script=sci_arttext). Acesso em: Agosto de 2005.

STACCIARINI, Jeane Maria R.; ESPERIDIÃO, Elizabeth. Repensando estratégias de ensino no processo de aprendizagem.Revista Latino Americana de Enfermagem, Ribeirão Preto, V. 7, n. 5, p. 59-66, Dez.1999. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v7n5/13505.pdf>. Acesso em: Dezembro de 2005.

ZANELLA, Andréa Vieira. Atividade criadora, produção de conhecimentos e formação de pesquisadores: algumas reflexões.Psicologia e Sociedade, Porto Alegre, Vol.16, n.1, 2004. Disponível em

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822004000100011. Acesso em: Dezembro de 2005.

ZANELLA, A.V. et al. Concepções de criatividade: movimentos em um contexto de escolarização formal. Psicologia em Estudo, Maringá, Vol.8, n.1, Jan./June, 2003. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000100017. Acesso em: Dezembro de 2005.